



Subjetivação e veridicação no cristianismo e na antiguidade greco-romana

Subjection and truth-telling in Christianity and greco-roman Antiquity

Vera Portocarrero*

Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo

O objetivo deste artigo é fazer uma introdução à pesquisa foucaultiana, por um lado, das diferentes formas de relação do sujeito consigo mesmo e com os outros, as técnicas de si que podem ser encontradas, em todas as culturas, de modos diferentes, principalmente aquelas imanentes à produção da verdade no Ocidente; por outro lado, dos deslocamentos teóricos e práticos do dizer verdadeiro da Antiguidade greco-romana para o cristianismo. O método utilizado foi o de análise de textos relevantes para o tema proposto. A hipótese, confirmada, é que o recuo genealógico de Foucault ao cristianismo demonstra diferentes regimes de sexualidade marcando flutuações e grandes diferenças quanto à atualidade, que não traçam uma herança da qual não poderíamos nos desembaraçar.

Palavras-chave: Cristianismo. Genealogia. Práticas de si. Verdade. Sujeito. Experiência da carne.

*VP: Doutora em Filosofia, e-mail: veramport@gmail.com

Abstract

The aim of this article is to introduce Foucault's research of different forms of relationship between the subject with himself and with the others, the technics of the self which may be found, in all cultures, in different ways, mainly those immanent to the production of the truth in Occident and to the theoretical and practical changes of truth-telling in the greco-roman Antiquity into the Christianity. The hypothesis is that the genealogic step back to Christianity proves that different regimens of sexuality that point flotations and big differences in respect of our actuality, which aren't a fatal inherence for ourselves.

Keywords: *Christianity. Genealogy. Practices of the self. Truth. Subject. Flesh experience.*

Introdução

O objetivo deste artigo é fazer uma introdução à pesquisa foucaultiana das diferentes formas de relação do sujeito consigo mesmo e com os outros, as técnicas de si, que podem ser encontradas em todas as culturas, de modos diferentes, principalmente aquelas imanentes à produção da verdade no Ocidente, particularmente técnicas referentes aos deslocamentos teóricos e práticos do dizer verdadeiro da antiguidade greco-romana para o cristianismo. À primeira vista, apesar das técnicas de expressão da verdade sobre si mesmo que situam a verdade na carne, a obrigação de dizer a verdade sobre si mesmo, no cristianismo, ocupa um espaço reduzido na experiência da carne considerada como uma forma de subjetivação. Porém, comparece como uma dimensão fundamental, notadamente com a figura da *exagoreusis*, conforme veremos adiante.

Em *História da Sexualidade 2. O uso dos prazeres* (FOUCAULT, 1984), *História da Sexualidade 3. O cuidado de si* (FOUCAULT, 2013a), a trajetória da história da sexualidade opera uma inflexão no projeto de uma história da sexualidade moderna (séculos XVI a XIX), voltando-se aos principais atos de verdade do cristianismo, às artes da virgindade

e da continência, à doutrina do casamento a partir dos Padres cristãos do século I, à penitência, e ao batismo laborioso. Trata-se de reposicionar as tecnologias de si greco-romanas e o lugar dos *aphrodisia*, em termos da formação de uma nova experiência, partir das prescrições e da dramatização da verdade. *As Confissões da Carne* se constitui numa longa e detalhada pesquisa dedicada às obrigações cristãs de verdade na preparação da experiência da carne e ao papel da hermenêutica de si, bem como à decifração purificadora do desejo¹. *O uso dos prazeres e O cuidado de si* dizem respeito a diferentes períodos, que analisam diferentes regimes da sexualidade, ressaltando descontinuidades nas experiências de subjetivação e de veridição em relação ao cristianismo problematizado em *História da Sexualidade 4*.

Como esclarece Frédéric Gros (GROS, 2018) na introdução a esta obra póstuma, por ele editada, Foucault se dedica a esta temática por um longo período, acompanhando-a de diversos desenvolvimentos apresentados em conferências, cursos e entrevistas. Em 1978, ressalta Frédéric Gros, trata-se do momento cristão da governamentalidade pastoral, do estudo dos atos de verdade ligados a práticas de obediência, como em *Omnes et singulatim*; em 1980, a pesquisa sobre obrigações cristãs de verdade na preparação para o batismo, os ritos de penitência, a direção monástica, entre os séculos II e IV.

Em 1980, em Berkeley e Dartmouth, Foucault apresenta uma explanação conceitual geral destes mesmos temas; com Sennett, em Nova York, de maneira esquemática, muitas articulações do que será *As Confissões da Carne*: a doutrina do casamento com Clemente de Alexandria, a arte cristã da virgindade e sua evolução, o exame do sentido fundamental para nossa cultura com santo Agostinho, o conceito de *libido* depois da queda e no casamento; e, ainda, *Dire vrai sur soi même*, em Toronto, *Les techniques de soi* em Vermont bem como, de maneira marginal em cursos proferidos no Collège de France, *O governo de si e dos outros 1* e *O governo de si e dos outros 2. A coragem da verdade*, entre

¹ Para estabelecer a edição desta obra, Gros faz uma montagem para a qual dispôs de manuscritos, textos datilografados pela Gallimard e corrigidos pelo próprio Foucault, que interferiu na pontuação, em citações, referências, notas, etc.

outros, sendo *Uso dos Prazeres e Cuidado de si*, uma grande introdução em dois volumes à *História da sexualidade 4*.

Em um breve esquema (FOUCAULT, 2018, p.365), em anexo incluído, por Gros, na obra *Confissões da carne*, Foucault cita quatro pontos a serem demonstrados em sua pesquisa: (a) há um feixe prescritivo relativamente constante no cristianismo antigo desde os greco-romanos; (b) que pode ser encontrado nos Apologetas do século II e que Clemente de Alexandria o integra em sua teologia sem muitas modificações, especificamente sob influência platônica e estoica; (c) há uma nova definição das relações entre subjetividade e verdade que lhe confere uma significação inédita com modificações importantes quanto aos prazeres e sua economia; (d) que as modificações dizem respeito sobretudo à análise do domínio dos *aphrodisia* e do modo de relação que o sujeito deve ter com o desejo. Segundo Foucault, o que mudou não foi propriamente a lei e seu conteúdo, mas a experiência como condição de conhecimento.

Foucault utiliza os mesmos documentos que alguns historiadores pesquisam, mas de uma forma diferente. Tomemos como exemplo as fontes estudadas por Aline Rousselle em *Porneia. De la maîtrise du corps a la privation sensorielle. II-IV siècles de l'ère chrétienne*, publicado em 1983 (ROUSSELLE, 1983, p. 7), mesma época em que Foucault trabalhava com as *Histórias da sexualidade 2 e 3*. Em *Porneia*, a autora trata do corpo dominado, da virgindade, da continência, das esposas, da força do desejo, em Tertuliano, Método de Olimpo, Cassiano, Hermas, Galeno, Oribase e muitos outros que comparecem à obra de Foucault. Estes documentos são provenientes do mundo médico e científico da antiguidade, daqueles que redigiram as leis romanas, de seus intérpretes, dos teólogos pagãos e cristãos dos séculos III e IV. Contudo, a historiadora explicita desde a introdução que seu interesse está voltado para os comportamentos cotidianos, tanto quanto possível, mesmo que ligados a ideias. Sua pesquisa se dirige ao movimento que vai da vida à elaboração das ideias, numa época de pesquisa intensa na qual a atitude quanto ao corpo teve um lugar essencial. Trata-se, portanto, de uma história dos comportamentos. De qualquer maneira, nos dá uma contribuição para o tema aqui tratado, sobretudo por se apresentar

com uma metodologia e uma finalidade diferentes. Em suas histórias da sexualidade, Foucault afirma, ao contrário, não fazer nem história dos comportamentos nem história das ideias, mas uma genealogia do homem do desejo.

1. O *Pedagogo*, continuidades e transformações

Foucault retoma a obra de Clemente de Alexandria, dentre outros pensadores, para indicar a importância das grandes diferenças históricas que se entrelaçam com continuidades na história da sexualidade. Com efeito, em *Confissões da carne*, a problematização da carne marca diferenças com relação a hoje; mais diferenças e grandes flutuações do que semelhanças na especificação de regimes muito singulares como este da carne. Foucault mostra que há semelhanças, mas sobretudo regimes diferentes, sem reduzi-los a uma herança da qual nunca poderíamos nos desembaraçar.

O exemplo de *O Pedagogo* (1960) de Clemente de Alexandria é claro quanto à questão da formação de uma nova experiência na constituição da subjetividade. De acordo com Foucault, a obra testemunha uma continuidade com os textos da filosofia e da moral pagã da mesma época e até de um período que lhe antecede imediatamente, conforme afirmam inúmeros historiadores. Com efeito, a prescrição de um regime de vida que define o valor dos atos em função de seus fins racionais e das oportunidades de efetua-los legitimamente é aí desenvolvida. Tal prescrição pode mesmo ser considerada uma codificação clássica, devido a suas interdições (adultério, relações entre homens, etc.), a suas obrigações (relações sexuais para ter filhos), à referência à natureza e o que com ela aprendemos.

Foucault ressalta, contudo, que, nesta obra, Clemente de Alexandria estabeleceu novas problematizações. Sua abordagem não se deve apenas à introdução, no cristianismo, de uma moral estrangeira, como se tivesse acrescentado elementos de origem hebraica à moral pagã. Ao contrário, ele estabelece, ante um código já formado, a constituição de outra moral e de um pensamento cristão sobre as

relações sexuais, a partir da qual pode-se demonstrar a possibilidade da existência de mais de uma moral, apontando para o afastamento de uma concepção universal e única dos regimes da sexualidade. Para Foucault, não se trata, portanto, de imaginar que o cristianismo impôs, pela própria força de suas exigências internas, este conjunto estranho e singular de práticas, noções e regras que chamamos de moral sexual cristã (FOUCAULT, 2018, p. 48, tradução nossa). Clemente de Alexandria a Agostinho, afirma Foucault, há a diferença de um cristianismo marcado pelo helenismo, pelo estoicismo, pela naturalização da ética das relações sexuais e um cristianismo mais pessimista, da queda, que confere às relações sexuais um índice negativo e que perdura por muito tempo. De qualquer modo, segundo *As Confissões da Carne*, as grandes linhas de divisão entre o permitido e o proibido permaneceram as mesmas do século II ao V.

No entanto, é preciso enfatizar, Foucault vê neste mesmo período a produção de transformações radicais no sistema geral dos valores, com a preeminência ética e religiosa da virgindade e da castidade absoluta, bem como no jogo das noções de tentação, de concupiscência, de carne, cada vez mais importantes. O que é decisivo nesta análise é o destaque de um movimento de modificação não apenas dos conteúdos prescritivos morais, sua maior austeridade, mas a transformação do próprio campo de análise, pois é um outro tipo de experiência que se estabelece, a experiência da carne. Isto porque dois novos elementos são instaurados: a disciplina penitencial e a ascese monástica. Trata-se de dois tipos de práticas que definiram e desenvolveram um modo de relação a si e uma relação entre o mal e o verdadeiro. A prática da penitência e os exercícios da vida ascética desempenham um papel fundamental de organização das relações entre o mal fazer e o dizer verdadeiro.

O que Foucault pretende ressaltar é que surge um novo domínio de problematização no qual se enodam as relações a si, ao mal e ao verdadeiro, de uma maneira que não é apenas a da variação do grau de austeridade do código. Trata-se, antes, de outra forma de subjetividade a partir da relevância atribuída ao exercício de si sobre si, ao conhecimento de si por si, à constituição de si mesmo como objeto de investigação e de discurso, à liberação, à purificação de si e à salvação,

através de atividades que agiriam positivamente no fundo de si mesmo e conduziriam seus segredos à manifestação salvadora do indivíduo. “É uma forma de experiência [...]. Foi ela que pouco a pouco colocou no centro de seu dispositivo o problema da ‘carne’” (FOUCAULT, 2018, p. 50, tradução nossa).

A análise proposta por Foucault se dirige às práticas que asseguraram tal mudança, entrelaçando a remissão do mal, a manifestação do verdadeiro e a descoberta do si, ao apontar uma importante conjectura (FOUCAULT, 2018, p. 366-367, tradução nossa) que diz respeito à existência de duas modalidades regulares e diferentes, nos cinco primeiros séculos de nossa era, segundo as quais o indivíduo deveria se manifestar verdadeiramente para se livrar do mal. Por um lado, diz Foucault, afirma-se um grande rito de penitência que engloba toda a existência e, às vezes, transforma definitivamente toda a vida. É uma forma de dramatização da verdade de si mesmo pelo pecador cristão, que não se realiza simplesmente através da verbalização detalhada das faltas cometidas. A penitência é, então, tomada como o estatuto de um indivíduo submetido a imposições, por ter cometido falhas graves e para evitar sua expulsão da comunidade da Igreja.

A penitência inteira pode ser chamada *exomologese*, pois as expressões públicas e ostentatórias de arrependimento requeridas de uma maneira particularmente solene e com intensidade devem ser uma manifestação, um tipo de confissão renovada; contudo, “não se deve implementá-la ‘apenas na consciência, “um ato também deve efetuar-la” (FOUCAULT, 2018, p.93-94, tradução nossa).

Por outro lado, afirma-se uma prática contínua de exame e de vigilância que tenta abarcar os movimentos profundos da alma. Foucault ressalta a importância, em sua análise, da ligação entre uma forma de subjetivação na qual o “fazer-verdadeiro” dos gestos, das atitudes, dos choros, das macerações e das formas de vida parece conduzir as formulações do discurso, bem como o “dizer-verdadeiro” parece impor uma verbalização exaustiva dos segredos da alma. A experiência da carne se constitui, assim, como manifestação do ser pecador e como enunciação verdadeira dos movimentos do pensamento: “Na forma geral da obediência e da renúncia à vontade própria, a direção tem

como instrumento maior a prática permanente do “exame-confissão”, o que, no cristianismo oriental, se chama *exagoreusis*” (FOUCAULT, 2018, p. 133, tradução nossa).

2. Questões de método, subjetivação e verificação

Para um cuidado e um aprofundamento da questão acima apresentada, talvez seja interessante ressaltar que Foucault apresenta, em Berkeley, alguns detalhes de método (FOUCAULT, 2013, p. 35) muito importantes para sua concepção de genealogia do si. O estudo de Foucault sobre a origem da hermenêutica do homem do desejo — invenção tipicamente cristã que, ausente no pensamento greco-romano — marca uma inflexão em sua pesquisa das formas modernas de subjetivação. Aí, Foucault traça mais uma vez uma retrospectiva de sua trajetória, deixando claro que não faz história das ciências em geral, nem avalia a objetividade ou a possibilidade de universalidade das ciências, mas que analisa apenas as ciências que tentaram construir um saber científico erigindo verdades sobre o sujeito e sobre si mesmo.

Mais uma vez, Foucault retoma a trajetória de suas pesquisas, reafirmando seu interesse pela formação das ciências que objetivaram o homem enquanto ser que fala, vive e trabalha, bem como pelas práticas institucionais, como as dos hospitais, dos asilos e das prisões, práticas que se articulam a um tipo específico de conhecimento e transformam o sujeito em objeto de dominação, que se constituíram como técnicas utilizadas em nossa sociedade para determinar a conduta dos homens. Articulada às técnicas de dominação, a genealogia do sujeito estuda pontos de interação destas com as técnicas ou tecnologias de si, que permitem que o indivíduo efetue diversas operações sobre si mesmo, seu próprio corpo, sua própria alma, seus próprios pensamentos, sua própria conduta.

A análise foucaultiana se dirige, então, para os pontos em que as tecnologias de dominação dos indivíduos uns sobre os outros conduzem aos processos pelos quais o indivíduo age sobre si mesmo, assim como “pontos em que as técnicas de si se integram em estruturas de

coerção e de dominação. O ponto de contato [...] é aquilo que posso chamar, creio, de ‘governo’” (FOUCAULT, 2013, p. 38-39). Quanto ao período cristão, de acordo com sua abordagem genealógica, mostra-se importante observar que a obrigação de conhecer a si mesmo e confessar ao guia espiritual cada um de seus próprios pensamentos torna-se um preceito monástico, a partir do qual se inicia, segundo Foucault, a hermenêutica de si.

É preciso, aqui, pensar sua genealogia como a maneira pela qual a pesquisa traça uma análise crítica da passagem do antigo preceito délfico “conhece-te a ti mesmo” (*gnôti seauton*) ao preceito monástico do “diga-me cada um de seus pensamentos” (*omnes cogitationes*), o qual desempenha um papel importante na constituição da subjetividade moderna (FOUCAULT, 2013, p. 40). Contudo, observa que o preceito délfico aparece como muito menos importante, em nossa cultura do que imaginamos (FOUCAULT, 2013, p. 65).

Nesta conferência pode-se ver que a análise da questão das técnicas que formam a experiência ocidental de sujeito se formula em termos das cisões verdade/erro, além de liberdade/coação; sendo o eixo que possibilita a construção tanto de uma história daquilo que fizemos, quanto de um diagnóstico daquilo que somos, que se esclarece através da análise teórica de dimensão política. Por dimensão política, Foucault entende a pesquisa daquilo que queremos aceitar no nosso mundo, ou recusar e mudar em nós mesmos e em nossa situação:

Com a palavra “dimensão política”, quero dizer uma análise que concerne aquilo que queremos aceitar em nosso mundo, aceitar, recusar e modificar, tanto em nós mesmos quanto em nossa situação. Em suma, um outro tipo de filosofia crítica [...] mas uma filosofia crítica que busca as condições e as possibilidades indefinidas de uma transformação do sujeito, de nossa própria transformação (FOUCAULT, 2013, p. 37).

Foucault esquematiza a questão da relação entre sujeito e verdade enfatizando a pesquisa das técnicas e apontando seu interesse que passa da questão do poder e de sua insistência quanto às técnicas de dominação, para uma genealogia cujo ponto de partida são as técnicas de si, incluindo aquelas voltadas para a descoberta e a formulação da

verdade sobre si mesmo, extremamente importantes neste contexto. Ele argumenta que se, para o governo das pessoas em nossas sociedades, cada um deve não apenas obedecer, mas também produzir e tornar pública a verdade sobre si mesmo. O exame de consciência, como também o exame de si e a confissão são dois dos procedimentos mais importantes de subjetivação alicerçada na veridificação, desde a Antiguidade greco-romana, como por exemplo, na experiência da *parresía*, até os primeiros séculos da era cristã, como por exemplo, na *exomologese* e na *exagoreusis*, guardadas, é claro, as devidas singularidades.

O exame de si e a confissão configuram portanto, uma forma de problematização da produção de verdade no próprio modo de vida. Seu instrumento e lugar são a vida propriamente dita daquele que deve dizer a verdade manifestando-a na própria existência. Aparece, então, o tema da verdadeira vida como “muito importante na filosofia antiga, na espiritualidade cristã, muito menos na filosofia contemporânea [...]” (FOUCAULT, 2009, p. 200).

Assim colocada, esta questão difere daquelas formuladas pela filosofia dita tradicional, tais como “o que é o mundo?”, “O que é o homem?”, “O que foi feito da verdade?”, “O que foi feito do conhecimento?”, “De que modo o saber é possível?”. Para Foucault, a perspectiva tradicional elabora uma ontologia formal da verdade inteiramente válida. Porém, não é nesta direção que ele pretende conduzir uma ontologia dos discursos de verdade.

Este direcionamento é bastante relevante em termos de sua metodologia histórica, dirigida à pesquisa dos modos de produção de formas de discurso verdadeiro a partir do pensamento greco-romano, das rupturas e continuidades por ele traçadas entre este e o cristianismo, o “cartesianismo” e nossa modernidade. Neste sentido, é importante notar a noção foucaultiana de ontologia dos discursos de verdade, inserida no escopo da ideia de filosofia como modo de vida, irredutível às abordagens alicerçadas exclusivamente no privilégio das questões no campo dos problemas do conhecimento humano.

Trata-se de um ponto de partida importante para a discussão da relevância da elaboração do tema da relação entre formas de subjetivação articuladas a formas de verificação política ou dizer livre e

verdadeiro no campo do pensamento filosófico, necessariamente agnóstico, a partir de noções que fundamentam a problematização histórica dos discursos de verdade e das técnicas de si, tema desenvolvido nas conferências ministradas em Berkeley e em Dartmouth College — *A Origem da Hermenêutica de Si: Conferências proferidas em Dartmouth College, 1980* (FOUCAULT, 2013) — e nos últimos cursos proferidos por Michel Foucault no *Collège de France*, de 1980 a 1984 — particularmente, *A Hermenêutica do sujeito: curso no Collège de France, 1984* (FOUCAULT, 2009), (FOUCAULT, 2013), *O Governo dos Vivos* (FOUCAULT, 2012), *O Governo de Si e dos Outros: Curso no Collège de France, 1984* (FOUCAULT, 2010) e *A Coragem da Verdade: O Governo de Si e dos Outros II: curso no Collège de France, 1984* (FOUCAULT, 2009).

A proposta de uma ontologia dos discursos de verdade relaciona as noções de discurso, sexualidade, vida, governo de si e dos outros, sujeito, obrigação de dizer a verdade e práticas de liberdade. Foucault a desenvolve no âmbito de uma história das problematizações cujo ponto de partida é nosso presente, concebido em termos de atualidade e processo, que nos convoca a pensar e a agir, em termos de relações entre sujeito e verdade.

Trata-se de entender sua singularidade como perspectiva de uma história do pensamento que se dirige a uma ontologia dos discursos de verdade, o que torna a questão assim tematizada muito complexa do ponto de vista e termina por conduzir a dificuldades consideráveis tanto no que tange ao quanto de verdade é preciso para viver quanto à inscrição da vida no campo do discurso. Ressaltarei seu caráter de “ontologia dos discursos de verdade”, definida como pesquisa crítica genealógica dos modos de ser dos discursos em sua relação com a filosofia como modo de vida.

Nos anos de 1983 e 84, Foucault mostra reiteradamente o compromisso da filosofia ocidental com práticas de discurso verdadeiro. Ele investiga diferentes tipos de “verificação” na Antiguidade, desde aqueles que dizem respeito a um direito ou dever em relação à cidade e aos outros, até aqueles que definem um *êthos* ou modos de fazer e de ser, modos de os indivíduos se conduzirem face à sua constituição como sujeitos morais. É a historicidades dos tipos de prática discursiva

que lhe interessa. Em seu último curso proferido no *Collège de France*, Foucault aponta que a modalidade “parresiástica” antiga teria desaparecido na modernidade, podendo ser reencontrada em outras modalidades de dizer verdadeiro como a do discurso revolucionário (crítica à sociedade); a do discurso filosófico (como análise da finitude humana e crítica para ultrapassá-la) e a do discurso científico (crítica dos preconceitos, dos saberes, das instituições dominantes).

Nesta perspectiva, o exemplo do cinismo como figura particular da filosofia antiga e como atitude recorrente na história ocidental, surge (FOUCAULT, 2009, p. 218) como a exteriorização das artes da existência, sob a forma de manifestação do problema da vida filosófica e da sua relação com a prática do discurso filosófico. Dessa forma, o estudo do cinismo permite alcançar a forma mais radical de colocar a questão de uma forma particular de vida que é a vida filosófica. É importante notar que, com os cínicos, explicitam-se, como que num paradoxo, elementos familiares a todas as filosofias da antiguidade greco-romana, ligando-se à velha tradição socrática e a temáticas pertencentes a outras filosofias. Contudo, sua veridificação extrapola o ato discursivo na dramatização realizada no elemento mesmo do corpo.

Na mesma medida em que se mostra como eco e prolongamento das filosofias da Antiguidade, sua atitude é uma passagem ao limite, à dramatização da veridificação como retorno da verdadeira vida — esta vida não dissimulada, independente, reta, de soberania. Para além destas semelhanças, contudo, os cínicos preconizam a mudança dos valores. Ao se referir à vida cínica em *A Coragem da Verdade*, a genealogia a estabelece não propriamente a partir de sua distinção em duas grandes vertentes do pensamento, a da crítica e a da analítica da verdade. Ancorado na perspectiva da filosofia como modo de vida, Foucault faz ver o aparecimento de uma oposição muito esquemática entre duas linhas divergentes e fundadoras do pensamento ocidental: por um lado, o platonismo que funda outro mundo, uma especulação metafísica do si, da alma e do pensamento, o que circunscreve o espaço do discurso metafísico, como em Sócrates, Alcibíades e Laques; por outro lado, o cinismo, a grosseria do rudimentar, do elementar, a militância heroica como forma de vida

na qual o filósofo clássico já não se reconhece; como num espelho, difícil de aceitar, que reflete distorcidamente as técnicas da existência.

Dentre outros, os aspectos de método acima apresentados são explicitados em várias partes da obra tardia de Foucault e parecem oferecer elementos que ajudam a pensar *As Confissões da carne*, se não os tomarmos como regras de método a serem aplicadas em outros domínios. Há que especificar suas particularidades, o que não será realizado neste artigo.

Contudo, gostaria de chamar a atenção para o Anexo 1 de *Confissões da carne* (FOUCAULT, 2018, p. 365), que, de modo muito conciso, revela claramente os quatro pontos a serem demonstrados: a) a existência de um núcleo prescritivo, relativamente constante no cristianismo, da época helenística e romana; b) Clemente de Alexandria o integra à sua teologia de inspiração platônica e estoica; c) este núcleo ganha uma significação inédita, uma nova definição das relações entre subjetividade e verdade; d) são modificações mais importantes do ponto de vista da análise do domínio dos *aphrodisia* e dos modos de relação que o sujeito é chamado a ter com os *aphrodisia*. São menos importantes do ponto de vista da divisão entre o permitido e o proibido, da lei e seu conteúdo. A mudança mais importante é passar a ter, como condição de conhecimento a experiência (FOUCAULT, 2018, p. 365).

3. A título de conclusão: ontologia dos discursos de verdade, diferenças e flutuações singulares

Para tanto, é preciso levar em consideração a história do pensamento elaborada por Foucault, de perfil metodológico definido como ontologia dos discursos de verdade (FOUCAULT, 2010, p. 281), é uma pesquisa crítica dos modos de ser do discurso, desenvolvida em três direções. Primeiramente, naquela da prática do discurso que introduz, no real, um determinado jogo de verdade; em segundo lugar, na direção do modo de ser que o discurso de veridicção confere ao real no jogo de verdade que ele exerce; por último, na direção do modo de ser que o discurso impõe ao sujeito que o profere neste jogo.

Nesta ontologia, realizada por meio de um trabalho de história do pensamento, explica Foucault, todo discurso é uma prática, toda verdade é um jogo e toda ontologia uma ficção, uma vez que não se trata de fazer uma história dos conhecimentos e seus índices de verdade nem das ideologias e seus critérios de realidade. Mas uma história das invenções singulares referida a um princípio de liberdade, no qual a liberdade não é tomada como um direito de ser, mas como uma capacidade de fazer (FOUCAULT, 2010, p. 281).

Foucault distingue sua história do pensamento da história das ideias já desde os anos de 1966, muito enfaticamente, em *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Em geral, esta última tenta especificar quando um conceito determinado aparece e este momento é identificado pelo surgimento de uma palavra nova. Trata-se, assim, de uma análise do nascimento de uma noção, através de seu desenvolvimento, no quadro de outras ideias, que constituem seu contexto.

Uma das maneiras de explicitar o que entende por história do pensamento é sua definição como análise da maneira pela qual instituições, práticas, hábitos e comportamentos tornam-se um problema para as pessoas que se comportam de um modo específico, que têm certos tipos de hábitos, que se comprometem com certos tipos de práticas e que fazem funcionar certos tipos de instituição.

A história do pensamento é a análise do modo como um campo não problemático da experiência, ou um conjunto de práticas aceitas sem questionamento, que eram familiares e fora de discussão, tornam-se um problema, suscitam discussão e debate, incitam novas reações e induzem à crise e a comportamentos, hábitos, práticas e instituições previamente silenciosos. Assim entendida, a história do pensamento é a história da maneira pela qual as pessoas começam a preocupar-se com alguma coisa, da maneira pela qual elas ficam ansiosas com isto ou aquilo, por exemplo, consigo mesmos, com a loucura, o crime, o sexo, a verdade, o sujeito.

Portanto, não se trata de analisar o comportamento passado das pessoas (que seria do campo da história social), nem as ideias em seus valores representativos (história das ideias). O que está em jogo é o processo de problematização, a saber, como e por que certas coisas

(comportamentos, fenômenos, processos), que foram completamente negligenciadas até um dado momento histórico, tornam-se objeto de uma preocupação, um problema. Trata-se, portanto, muito mais de marcar as diferenças, as grandes flutuações e regimes muito singulares como o dos *aphrodisia*, o da carne e o do sujeito de desejo.

Referências

- CLEMENT D'ALEXANDRIE. *Le Pédagogue*. Texte traduit en français par H.-I. Marrou e M. Hal, S.C, 1960.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade 2: O Uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FOUCAULT, M. *Le Courage de la vérité : le gouvernement de soi et des autres II*. Cours au Collège de France. 1984. Paris: Gallimard, 2009.
- FOUCAULT, M. *Governo de si e governo dos outros*. Curso no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, M. *Du Gouvernement des Vivants*. Paris: Gallimard, 2012.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade 3: O cuidado de si*. 12 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2013a.
- FOUCAULT, M. *L'origine de l'herméneutique de soi : Conférences prononcées à Dartmouth College*, 1980. Paris : Vrin, 2013b.
- FOUCAULT, M. *Histoire de la sexualité 4. Les aveux de la chair*. Paris : Gallimard, 2018.
- GROS, F. Avertissement. In : FOUCAULT, M. *Histoire de la sexualité 4. Les aveux de la chair*. Paris : Gallimard, 2018. pp. I -XI.
- ROUSSELLE, A. *Porneia*. De la maîtrise du corps à la privation sensorielle II-IV siècles de l'ère chrétienne. Paris: PUF, 1983

Recebido: 20/02/2019

Received: 02/20/2019

Aprovado: 18/03/2019

Approved: 03/18/2019